

apresentação

São muito conhecidas as especulações teóricas em torno da figura do autor. Essa figura, cujo óbito é atestado por Barthes e que Foucault revela ser antes de tudo uma função, define-se com relação a uma obra, um texto ou simplesmente um discurso. Sua existência preenche a necessidade de atribuir a um sujeito a responsabilidade por formulações e ideias cujas autonomia e anonimidade poderiam constituir ameaça a uma sociedade controladora. Descrever o autor como função permite ainda dissociá-lo da pura existência empírica de um indivíduo escritor e desfazer assim os equívocos que o biografismo gerava para a compreensão do fenômeno literário.

Deste modo, voltar ao escritor, à instância concreta de produção do texto literário, pode parecer, de início, um retrocesso ou uma liquidação da imensa contribuição que os estudos do autor trouxeram. No entanto, essa é uma personagem que adquire hoje uma importância cada vez maior, seja justamente por seu caráter de construção, seja ainda pelo avanço de pesquisas junto aos arquivos de escritores guardados e tratados por universidades e fundações públicas ou privadas. Caberia até se avaliar em que medida os arquivos literários estão contribuindo para aquele “retorno amigável do autor”, de que fala Barthes no prefácio de *Sade, Fourier, Loyola*, na pele do escritor empírico, a ser visto antes como personagem, imagem e fantasma, do que como uma pessoa cívica e moral, dotada de uma interioridade psicológica. Especialmente na cena cultural contemporânea, governada pelo midiático e suas imagens.

Se um autor existe para a obra, o escritor existe para a literatura. Quanto mais nos indagamos acerca da natureza da literatura, seus limites, bordas e desbordos, mais a figura do escritor avulta-se como cocriador, peão e jogador de uma partida cuja configuração está sempre mudando, sempre formando padrões diferentes, transitórios e precários. As múltiplas estratégias e tomadas de posição dentro desse jogo podem ser vistas como formando, elas mesmas, o grande romance da literatura. Desse grande romance dão testemunho hoje inúmeras obras de cunho autobiográfico, biográfico e autoficcional que abordam a vida literária e em que se diluem as fronteiras entre o real e o ficcional.

O caráter histórico, contextualizado da vida literária e a fragmentária materialidade que lhe dão os resíduos da atividade criadora – documentos de todo tipo, correspondência, diários, biblioteca, objetos ligados ao ofício – dão ao pesquisador a sensação inigualável de participar da elaboração da

narrativa que tenta dar corpo a esse romance, apoiado em dados tão concretos como enganosos. Procedimento tão sedutor em busca da imagem sempre tão sedutora do escritor, que a própria obra literária dedica-se muitas vezes a apresentar e representar, voltando-se metalinguística ou mimeticamente para o exercício da literatura e o drama sempre revisitado do tornar-se escritor.

De uma imagem de Élide Lois retiramos o subtítulo “Na sala de espelhos”, que encabeça o primeiro bloco de artigos. Em seu ensaio, a autora examina com acuidade a imagem do escritor que emerge do discurso autobiográfico de Juan Bautista Alberdi, importante intelectual e político argentino do século XIX. A partir da pesquisa junto ao arquivo do escritor, dos manuscritos e rascunhos de suas obras, a autora focaliza de modo particular um subgênero dentro da literatura do eu – o da autodefesa, modalidade discursiva por meio da qual alguém procura se justificar ante a opinião pública.

Eneida Maria de Souza trata no seu ensaio da reativação de uma invenção borgiana por autores como Enrique Vila-Matas e Ricardo Piglia, entre outros escritores da literatura mundial. Borges frequentemente substitui o autor pelo fantasma da alteridade e do duplo que inventa encontros com escritores, imagina diálogos entre personagens do livro e brinca com a intertextualidade conseguindo aumentar a fascinação do leitor pela literatura.

Juan Antonio Ennis e Néstor Bórquez analisam o último livro do autor espanhol Javier Cercas intitulado *Anatomia de un instante* (2009), que aborda mais um momento polêmico na história recente de Espanha: a tentativa fracassada de um golpe de Estado em 1981. Cercas faz uma releitura da transição espanhola a partir da imagem congelada da reportagem televisiva, ponto de partida para os dois autores do artigo esclarecerem a complexa relação entre escritor, história, memória e imagem num texto de características híbridas entre jornalismo, ensaio e crônica.

Vera Lúcia Albuquerque de Moraes, ao analisar as crônicas com feições autobiográficas de Clarice Lispector reunidas no livro *A descoberta do mundo*, levanta aspectos interessantes dos escritos da autora que dizem respeito a toda a simbologia contida nos elementos relacionados ao mar que giram em torno de um eixo, criança – mulher – mar, e sublinham a circularidade do texto cheio de crenças e sensações.

No segundo bloco de artigos, “Outros espelhos: diário, correspondência, biblioteca”, a imagem do espelho expande-se para os diversos aparatos da vida literária, entre os quais destacam-se a biblioteca, a correspondência e o diário. Haydée Ribeiro Coelho vai à biblioteca de Darci Ribeiro como espaço de uma escolha tão biográfica quanto bibliográfica, em busca de entender a rede de diálogos instaurada nas Américas sob a espécie do exílio. Já Emílio Maciel encontra na correspondência entre Mário de Andrade e Carlos Drummond os sutis movimentos de um jogo em que as posições são o tempo todo reconfiguradas e desafiadas.

Jaime Ginzburg analisa trechos do inédito “Diário de guerra” de João Guimarães Rosa que narram os acontecimentos e preocupações vivenciados pelo autor mineiro no contexto da Segunda Guerra Mundial, quando era membro do consulado brasileiro em Hamburgo. O diário permite acompanhar a intensidade do medo da população local que tem a sua origem nos frequentes bombardeios ingleses à cidade hanseática e na repressão nazista.

“Vidas, obras” é o título do terceiro grupo de artigos, no qual vidas de escritores são revisitadas em seus imbricamentos e paralelismos com a construção da obra e do nome de escritor. Assim, Roniere Menezes, amparado em pesquisas no arquivo de Vinicius de Moraes, mescladas com a leitura de aspectos socioculturais de sua obra, superpõe à consagrada imagem do escritor como poeta do amor e das mulheres a imagem de um artista e intelectual comprometido com o Brasil, interessado pela arte popular brasileira.

O olhar para a vida do escritor como uma construção de interesse equiparável ao da obra permite-nos ainda voltarmos-nos para nomes não canônicos, mas que apresentam trajetórias marcantes dentro do cenário mais amplo da literatura, como o de Alina Paim. Uma escritora militante – eis a imagem de Alina que emerge do artigo de Ana Maria Leal Cardoso. A escritora sergipana, que escreveu romances de temática social e feminista, sob a orientação do seu mestre em literatura, Graciliano Ramos, além de textos voltados para o público infantil, foi filiada ao Partido Comunista Brasileiro, relacionou-se com a intelectualidade comunista de sua época e chegou a representar o Partido em Moscou por ocasião dos festejos do Primeiro de Maio.

Em outro contexto, mas também tratando de autor quase desconhecido dos brasileiros, Dirce Waltrick do Amarante revisita a biografia de Edward Lear como determinante para sua obra *nonsense*, na medida em que suas viagens e autoexílio produzem uma ambiguidade de posições através da qual o próprio sentido é desestabilizado.

A questão biográfica e autobiográfica não poderiam deixar de suscitar reflexões a respeito da subjetividade e da identidade, temas que orientam o novo conjunto de artigos. Ao debruçar-se sobre a crítica da subjetividade e do pensamento identitário alojada na obra tanto literária quanto ensaística de Silviano Santiago, o ensaio de Karl Posso dialoga de forma enviesada com os demais ensaios e o temário desta edição de *Aletria*. Por um viés mais teórico, problematiza as identidades e representações como limitadoras das possibilidades dos seres em devir, ao impor regularidades e estabilidades ao que em transformação é vário. Articulada essa questão às imagens do escritor, caberia pensar em que medida tais imagens tanto consolidam um uso majoritário da literatura, impondo categorias e distinções regularizadoras das possibilidades do literário, quanto, de forma disruptiva, poderiam contribuir para um devir minoritário da literatura, para ficar com os termos do ensaio de Posso.

Piero Eyben, a partir de fragmentos dos *Essais* de Montaigne, discute como o filósofo impõe a figura autoral como rastro e mostra a escritura como lugar da manifestação esvaziada do sujeito, um “fazer desaparecer” que ao mesmo tempo não pode deixar marcas no texto. De uma outra perspectiva, Fábio Figueiredo Camargo discute, em seu artigo baseado em três romances de João Gilberto Noll, que relação há entre escrita literária e escrita autobiográfica. Camargo parte da premissa moderna de que a arte não deve ser realista a ponto de se confundir com a vida. Ao se produzir uma literatura baseada em narrativas autobiográficas, encontra-se no Brasil um público certo, desejoso de informações acerca de personalidade e fatos históricos e corre-se o risco de se ter um texto marcado por uma suprarrepresentação da vida pela arte.

Fechamos o dossiê com dois artigos que buscam salvaguardar a ideia do texto literário como objeto por excelência do crítico. Embora atentos ao fato de que o ofício

do escritor constitui um arcabouço da instituição literatura, esses artigos voltam ao texto como o bumerangue que coloca em questão esse ofício. Deste modo, Marcus Vinícius de Freitas discute o libelo de Todorov contra uma teoria que afasta cada vez mais o leitor da literatura e mostra como escritores “não críticos”, como Bashevis Singer, Vargas Llosa e Affonso Romano de Sant’Anna estão preocupados com o “beco sem saída” em que ela se teria tornado. Também preservando a prevalência do texto, o trabalho de Bernardo de Andrade Marçolla apresenta uma figuração do escritor diretamente relacionada ao processo da escrita da obra literária, tentando apreender aí o seu lugar ou papel. Nesse processo, ele ocuparia um lugar poroso, não sendo nem o inspirado, nem o artífice, nem objeto, nem sujeito, nem passivo, nem ativo, mas ponto de interseção de forças.

Nosso dossiê encerra-se com duas resenhas bem pertinentes, uma do livro *Correspondência – Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*, organizado por Eneida Maria de Souza, e outra da obra *Não contem com o fim do livro*, de Umberto Eco e Jean-Claude Carrière.

Com este número de *Aletria*, trazemos para o debate contemporâneo mais cenas, mais atores, mais timbres, no sentido de ampliar e multiplicar as possibilidades de enfrentamento de um tema tão fascinante quanto é a imagem do escritor.

Myriam Ávila
Reinaldo Martiniano Marques
Volker Jaeckel
Comissão Organizadora